

Posso ter uma testemunha? Uma análise da impactante e controversa “era” *Witness* de Katy Perry¹

Luan Patrick Cardoso da Costa²
Julieth Corrêa Paula³
Universidade Federal do Pará - UFPA

Resumo

Lançado em 2017, o quarto álbum de estúdio da cantora norte-americana Katy Perry, *Witness*, representou uma tentativa de reinvenção artística em meio à polarização política dos Estados Unidos. O presente estudo analisa a era *Witness* como um caso de tensão entre cultura pop, imagem pública e discurso político. Para tanto, a metodologia adota o estudo de caso e a análise de conteúdo de produtos midiáticos como videocliques, entrevistas e redes sociais. O trabalho dialoga com autores como Stuart Hall, Angela McRobbie e Guy Debord para discutir representações, autenticidade e controvérsias na comunicação. Busca-se compreender os limites e contradições dessa era marcante na música pop, entendida como interface entre cultura, política e representação midiática.

Palavras-chave: Katy Perry; cultura pop; política; representação midiática

Introdução

“Se eu perdesse tudo hoje, você ficaria?”. É com essa pergunta que Katy Perry inicia a faixa-título de seu quarto álbum de estúdio, lançado em 2017. *Witness* marcou a carreira da estrela pop norte-americana ao destoar radicalmente de tudo o que a cantora havia construído em sua trajetória até então. Conhecida por sua estética visual colorida, letras fantasiosas e apelo jovial, Perry se apresentava visualmente mais sóbria, com um discurso político mais evidente e musicalmente mais experimental, buscando ser uma artista com propósito, consciência e engajamento. A era prometia inaugurar uma nova fase — mas o que se seguiu foi uma recepção turbulenta, marcada por críticas e danos sem precedentes à imagem de Katy Perry, impulsionadas pelo cenário sociopolítico norte-americano da época.

O álbum foi lançado em meio a uma conjuntura política tensa: a ascensão da direita com a eleição do republicano Donald Trump à presidência dos Estados Unidos,

¹ Trabalho apresentado na IJ06 – Comunicação e Interfaces, da Intercom Júnior – 20ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 3º Semestre, do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará – UFPA, e-mail: luan.cardoso@ilc.ufpa.br.

³ Orientadora, professora da Faculdade de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Pará – UFPA, e-mail: juliethpaula@ufpa.br.

os protestos de mulheres por direitos e representação, e o fortalecimento do discurso progressista dentro da cultura pop. Katy Perry, que apoiou publicamente Hillary Clinton (candidata do Partido Democrata) e buscou alinhar sua imagem a causas como o feminismo e os direitos LGBTQIA+, viu-se no centro de um debate sobre ativismo, ao mesmo tempo em que colocava em xeque sua autenticidade artística e pessoal.

A proposta de renovação esbarrou em contradições internas, ruídos na comunicação e um público dividido entre a admiração e a estranheza. Por que a tentativa de reestruturação artística de Perry foi percebida com tanta ambivalência, apesar de seu conteúdo crítico e simbólico?

Para compreender o fenômeno, adota-se o método do estudo de caso, conforme proposto por Robert Yin (2001), que permite a investigação aprofundada de um objeto específico dentro de seu contexto real. A abordagem será qualitativa, com foco na análise de elementos visuais, discursivos e performáticos presentes em videocliques, entrevistas, aparições públicas, bem como nas repercussões críticas e populares — o que inclui matérias veiculadas em mídias especializadas e as reações dos *KatyCats*, base de fãs da cantora, nas redes sociais.

Esses materiais serão compreendidos à luz dos estudos de representação de Hall (2016), do feminismo e pós-modernismo de McRobbie (1994), e da sociedade do espetáculo de Debord (1997). A articulação dos conceitos procura entender como os sentidos produzidos nas obras de Katy Perry — e sobre ela — foram construídos e difundidos ao longo da era *Witness*, revelando as tensões entre engajamento e mercantilização na indústria cultural contemporânea.

Pop com propósito e a reinvenção de Perry

No mundo da música pop, há uma percepção popular na qual o quarto grande trabalho de uma diva costuma marcar um momento de experimentação ou transição em suas trajetórias — fases em que as artistas tendem a se sentir mais à vontade para arriscar, seja sonoramente ou conceitualmente. Álbuns como *Bionic* (2010), de Christina Aguilera, *4* (2011), de Beyoncé, e *Artpop* (2013), de Lady Gaga, são exemplos frequentemente citados por evidenciarem rupturas e ousadias estéticas e, embora tenham enfrentado recepção mista em seus lançamentos, passaram a ser reavaliados por fãs e parte da crítica como registros importantes em suas carreiras.

Figura 1: Colagem de imagens de ensaio fotográficos dos álbuns *Bionic*, *4* e *Artpop*



Fonte: Elaborado pelo autor (2025) a partir dos ensaios fotográficos dos álbuns de Christina Aguilera, Beyoncé e Lady Gaga

O *Bionic*, por exemplo, foi citado pela Pitchfork na análise de *Liberation* (2018), oitavo álbum de Aguilera, como “talvez muito progressista para a época, um risco que poderia ter colhido os frutos do ‘poptimismo’ se o álbum só tivesse sido lançado alguns anos depois” (Lobenfeld, 2018, tradução nossa). Já *4*, de Beyoncé — hoje lembrado por seus inúmeros singles marcantes, como *Run the World (Girls)* e *Love on Top* — não obteve o mesmo sucesso comercial que os discos anteriores da cantora, o que lhe conferiu o título de “injustiçado” por parte dos fãs. *Artpop*, à época depreciado por veículos especializados e também por fãs, registrou um aumento significativo no número de reproduções nas plataformas digitais⁴, além de ter sido revisitado e posteriormente aclamado por parte da crítica, marcando um retorno positivo à imagem de Gaga.

O disco *Witness* representou uma guinada na carreira de Katy Perry, até então consolidada como uma das figuras mais icônicas do pop comercial. Com esse álbum, a artista optou por uma estética mais sóbria e conceitual, assumindo publicamente o desejo de “se despir” das camadas caricatas que haviam moldado sua persona ao longo da década anterior. Essa reinvenção foi apresentada como um movimento em direção à autenticidade, termo constantemente reiterado por Perry em entrevistas, nas quais ela definia o projeto como *purposeful pop* (“pop com propósito”, em tradução literal).

4

Disponível em: <https://www.maisgoias.com.br/entretenimento/rejeitado-em-2013-album-de-lady-gaga-ganha-aumento-repentino-de-streams/>. Acesso em: 09 jul. 2025

A mudança visual foi notável: os cabelos coloridos deram lugar a um corte curtíssimo platinado, os figurinos passaram a flertar com o futurismo, e os videocliques do período transitavam entre a crítica social e o surrealismo. Em *Bon Appétit*, por exemplo, seu corpo é tratado como comida, moldado e manipulado até ser servido em um jantar exótico, metáfora potente para a objetificação feminina na indústria do entretenimento.

Figura 2: Trecho do videoclipe *Bon Appétit*



Fonte: Katy Perry/Youtube (2017)

Nos discursos que acompanharam a promoção do álbum, a cantora reforçava a ideia de estar “acordando” para temas mais profundos, como o feminismo e a saúde mental — temáticas representadas em faixas como *Mind Maze* e *Power*. A desconstrução da imagem de estrela pop fabricada apresentava-se como um ato político, ainda que permeado por contradições, num contexto em que celebridades também capitalizam suas crises como parte da narrativa midiática. A tensão entre performance e sinceridade, entre controle e exposição, evidencia uma tentativa de ruptura com o passado, não como negação de sua persona anterior, mas como parte da construção de uma narrativa de evolução. Contudo, o público e a crítica nem sempre acolheram essas propostas de forma positiva.

Na música *Mind Maze*, a letra explicita algumas das questões pessoais que a artista buscava externalizar durante a era:

Estou perdendo as direções / Afundando em areia movediça / Despedacei a
ilusão por trás das cortinas / Estou desencantada / Dançando em um fio /
Malabarizando desejos / Cada golpe fica mais forte quando você luta sem
armadura / Estou desanimada. (Roddick; Perry; James; Hudson, 2017)

O despertar político de *Witness*

O lançamento de *Witness* coincidiu com um momento de intensa polarização política nos Estados Unidos, marcado pelas eleições presidenciais de 2016 e pelo fortalecimento de movimentos sociais como a Marcha das Mulheres, o Black Lives Matter e as pautas LGBTQIA+. Inserida nesse cenário, Katy Perry tentou reposicionar sua imagem como artista engajada, associando sua nova fase a discursos de resistência, consciência política e representatividade. Seus trabalhos passaram a ser atravessados por tentativas de convergir música e ativismo — ou, ao menos, de mobilizar os elementos da cultura pop para sinalizar posicionamentos.

A canção *Chained to the Rhythm*, primeiro single da era, funciona como um manifesto dessa proposta. Escrita em colaboração com Sia e produzida por Max Martin, a faixa apresenta uma batida dançante contrastada com a crítica à alienação cotidiana, referindo-se a uma sociedade que vive “acorrentada” a distrações enquanto ignora o colapso ao redor. O videoclipe, ambientado no parque *Oblivia*, encena um universo distópico que simula uma crítica ao conformismo da classe média americana. A performance no Brit Awards 2017 intensificou essa crítica visualmente, com o cenário composto por casas desmoronando e esqueletos dançantes, símbolos que retratavam o colapso do “sonho americano” diante das tensões políticas.

Figura 3: Perry performando *Chained to the Rhythm* ao lado de Skip Marley, no Brit Awards 2017



Fonte: Dominic Lipinski/Getty Images (2017)

Além da música, Perry intensificou sua atuação política em eventos e falas públicas. Em entrevistas, declarava-se “acordando para o mundo real” e buscava aproximar-se de figuras mais alinhadas com causas sociais. Durante a divulgação do álbum, a cantora chegou a se retratar publicamente, reconhecendo que fez apropriação cultural em momentos anteriores da carreira. No entanto, esses posicionamentos foram frequentemente questionados pela crítica e nas mídias sociais. Essa dúvida sobre a autenticidade se torna ainda mais relevante ao analisarmos como os discursos progressistas, como o feminismo, são apropriados e reconfigurados.

Nesse sentido, os conceitos sobre o pós-feminismo de Angela McRobbie são centrais. A autora observa o surgimento de novos discursos feministas não apenas na academia, mas também em revistas femininas e em outros espaços da mídia de massa comercial. Esses discursos indicam que o “feminismo passou a exercer certo controle sobre as construções do feminino”, como sugere Charlotte Brunsdon (1992, apud McRobbie, 1994, p. 71). No entanto, a socióloga adverte que essa presença não deve ser encarada como um sucesso inquestionável: é preciso considerar que tipo de feminismo circula nesses espaços e a quem ele se dirige. Enquanto Katy Perry se propôs a romper com padrões estéticos, seu ativismo se deu de forma espetacularizada — filtrado, roteirizado e, muitas vezes, incapaz de ultrapassar a lógica da indústria cultural.

A crítica de Guy Debord à “sociedade do espetáculo” também se aplica. O engajamento de Perry não escapa ao sistema que critica; ao contrário, é absorvido e transformado em conteúdo midiático, monetizado por ações como visualizações, curtidas e compartilhamentos. Assim, a tentativa de politizar o pop não é inválida, mas está atravessada por contradições que diluem sua potência disruptiva. O palco torna-se tanto espaço de resistência quanto de reprodução de um discurso domesticado, no qual o ativismo performado convive com o entretenimento e a lógica do consumo. Como afirma Debord:

Não é possível fazer uma oposição abstrata entre o espetáculo e a atividade social efetiva: esse desdobramento também é desdobrado. [...] A realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação é a essência e a base da sociedade existente. (Debord, 1997, p. 13)

A recepção e a crise de autenticidade

Apesar das intenções declaradas de renovação artística, *Witness* foi recebido de forma mista, configurando-se como um dos momentos mais difíceis da carreira de Katy

Perry. O álbum, que afirmava inaugurar um novo momento, foi percebido como confuso, forçado ou mesmo oportunista. O contraste entre “acordar para o mundo” e a forma como essa mudança foi mediada — por meio de uma *live* de quatro dias, videoclipes altamente produzidos e uma transformação visual drástica — gerou uma série de ruídos na recepção, desencadeando o que se convencionou chamar, na linguagem pop, de uma “crise de autenticidade”. Essa crise, pode ser compreendida à luz de Debord, para quem, quanto mais sua vida se torna seu produto, tanto mais ele se separa da vida. (Debord, 1997, p. 25).

Nas redes sociais, as reações foram distintas. Fãs elogiaram a tentativa de ousar e sair do óbvio, enquanto a crítica especializada e parte do público rejeitaram o álbum tanto musical quanto simbolicamente. Essa divisão se refletiu também nos números, pois *Witness* vendeu menos que *Prism* em sua primeira semana, e seus singles não alcançaram o mesmo impacto comercial. Veículos especializados, como a Pitchfork, classificaram o álbum como uma tentativa falha e constrangedora, enquanto a Rolling Stone apontou incoerência entre a proposta e sua execução. O resultado não poderia ter sido diferente: durante meses, a artista enfrentou uma avalanche de comentários negativos, que ultrapassaram o campo profissional e afetaram diretamente sua vida pessoal.

Figura 4: Ilustração de manchetes das críticas feitas ao álbum *Witness*



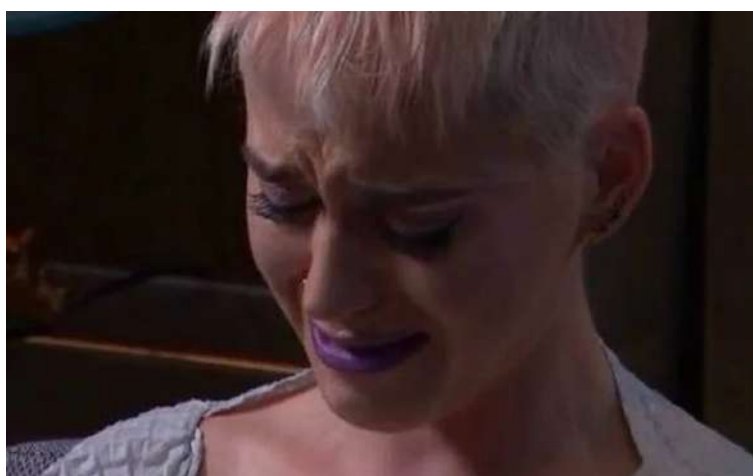
Fonte: SheBOPS (2017)

Essa crise na imagem pública da cantora aponta para um fenômeno mais amplo, descrito por Stuart Hall (2016) ao discutir os processos de representação. Para o autor, a

representação não é algo fixo, mas negociado continuamente por meio da linguagem, dos signos e dos sentidos, sendo a mídia um dos principais espaços dessa disputa (Hall, 2016, p. 22). Ao tentar representar uma “nova Katy”, mais consciente e desconstruída, Perry se vê diante das expectativas do público, dos limites da indústria e das tensões entre persona e sujeito. O que estava em jogo não era apenas a qualidade do álbum, mas a credibilidade da artista como “voz ativa” dentro de uma cultura cada vez mais cética quanto às intenções das celebridades. Além disso, retomando Debord, infere-se que a lógica da sociedade do espetáculo transforma toda experiência, inclusive a crise, em mercadoria. Em suas teses, o autor utiliza de metáforas para descrever o processo de abstração e reificação da experiência humana. A "atividade humana em estado fluido" (Debord, 1997, p. 23) representa a vida real, as interações, os sentimentos, e o "estado coagulado" (Debord, 1997, p. 23) é a forma transformada, padronizada e passível de reprodução e venda, ou seja, o produto midiático.

No contexto de Perry, a transmissão de sua terapia ao vivo, o pedido de desculpas públicas a Taylor Swift, as lágrimas em rede global — tudo isso se tornou conteúdo, matéria de consumo emocional. O paradoxo é evidente: quanto mais Perry se expunha para parecer “real”, mais era percebida como encenação. Essa contradição alimentou a sensação de que sua tentativa de mudança era roteirizada, e não autêntica, o que aprofundou a crise.

Figura 5: A cantora chorando durante a transmissão *Witness World Wide*



Fonte: Associated Press/Youtube (2017)

Por fim, observa-se que o episódio não apenas impactou temporariamente sua carreira, mas também reconfigurou sua imagem pública nos anos seguintes. Após *Witness*, Perry adotou uma postura mais cautelosa, investindo em novos projetos profissionais, como a atuação como jurada no *American Idol*, e vivenciou uma mudança significativa em sua vida pessoal com a maternidade. Uma virada que, segundo a própria artista, trouxe equilíbrio e renovação.

A trajetória de Katy Perry evidencia, assim, que a construção da autenticidade no pop é uma disputa comunicacional complexa permeada por valores políticos, afetivos e mercadológicos, em que o “ser verdadeiro” precisa constantemente se provar diante das câmeras.

Conclusão

Ao examinar o período de duração da era *Witness*, compreende-se a profundidade das narrativas políticas, conceituais e audiovisuais na cultura pop contemporânea. Longe de ser apenas um tropeço na carreira de Katy Perry, o álbum representou uma tentativa ousada de se reinventar artisticamente diante de um mundo em crise, e explorou temas necessários para a sociedade, como identidade, alienação, saúde mental, poder feminino e reconstrução pessoal. Ainda que envolta em contradições, a proposta da cantora foi sintomática de um momento de transição na comunicação de massa, em que celebridades passaram a assumir discursos politizados.

A obra encontrou resistências e enfrentou rejeição, mas o tempo se encarregou de reavaliar sua importância. Oito anos após seu lançamento, *Witness* passou a ser reconhecido por muitos fãs e críticos como um álbum à frente de seu tempo, por antecipar debates que hoje ganham mais visibilidade e acolhimento, como saúde mental, autoconhecimento e vulnerabilidade emocional. Atualmente, o disco é reinterpretado como um dos trabalhos mais profundos e coerentes de Perry, destacando-se por sua estética singular, letras introspectivas e produções visuais meticulosas. Faixas como *Déjà Vu*, *Miss You More* e *Save As Draft* revelam uma vulnerabilidade rara, enquanto os videoclipes e performances constroem uma narrativa visual coesa, que dialoga diretamente com as ansiedades de seu tempo.

Mais do que uma análise acadêmica, este trabalho também parte de um lugar afetivo. Reconhecer a relevância de *Witness* é também reconhecer o impacto contínuo

de Katy Perry como artista, comunicadora e figura pública. Sua trajetória, marcada por transformações e por uma constante negociação entre o pessoal e o público, reflete o paradigma relacional da comunicação no século XXI, em que a mensagem, a imagem e os processos interativos circulam em uma dinâmica não linear. Assim, revisitar *Witness* é também resgatar um momento em que a cultura pop tentou dizer algo mais. É lembrar que, mesmo em meio ao ruído, ainda é possível encontrar potência, intenção e humanidade nas formas como escolhemos comunicar quem somos. “Isso é intimidade”, é com essas palavras que Katy Perry encerra seu quarto álbum de estúdio.

Referências

ASSOCIATED PRESS. **Katy Perry opens up about suicidal thoughts**. YouTube, 12 jun. 2017. 1min36s. Disponível em: <https://youtu.be/laJtS5WKums?si=l9yuRqwuPiPmcR2y>. Acesso em: 20 jun. 2025

BEYONCÉ. **4**. [S.l.]: Columbia Records, 2011. Álbum musical.

CHRISTINA AGUILERA. **Bionic**. [S.l.]: RCA, 2010. Álbum musical.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu. Tradução: Daniel Miranda; William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.

RODDICK, Corin; PERRY, Katy; JAMES, Megan; HUDSON, Sarah. Mind Maze. In: KATY PERRY. **Witness**. [S.l.]: Capitol Records, 2017. Faixa 7.

KATY PERRY. **Bon Appétit**. YouTube, 12 mai. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dPI-mRFEIH0>. Acesso em: 20 jun. 2025.

KATY PERRY. **Chained To The Rhythm (Live at The BRIT Awards 2017) ft. Skip Marley**. YouTube, 10 fev. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/-8m0XFea2zE?si=0Mk3BEHwraHRMOTU>. Acesso em: 20 jun. 2025.

KATY PERRY. **Prism**. [S.l.]: Capitol Records, 2013. Álbum musical.

KATY PERRY. **Witness**. [S.l.]: Capitol Records, 2017. Álbum musical.

LADY GAGA. **Artpop**. [S.l.]: Interscope, 2013. Álbum musical.

LOBENFELD, Claire. **Christina Aguilera: Liberation album review**. Pitchfork, 20 jun. 2018. Disponível em: <https://pitchfork.com/reviews/albums/christina-aguilera-liberation/>. Acesso em: 09 jul. 2025.

LOBENFELD, Claire. **Lady Gaga: Artpop album review**. Pitchfork, 14 ago. 2022. Disponível em: <https://pitchfork.com/reviews/albums/lady-gaga-artpop/>. Acesso em: 09 jul. 2025.

MAPES, Jillian. **Katy Perry: Witness album review**. Pitchfork, 14 jun. 2017. Disponível em: <https://pitchfork.com/reviews/albums/katy-perry-witness/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

McROBBIE, Angela. **Postmodernism and popular culture**. London; New York: Routledge, 1994.

SHEBOPS. **Stop pretending Witness issa bad album – it’s NOT!**. 19 jun. 2017. Disponível em: <https://shebops.net/katy-perry-witness-review/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

TORRES, L. **Katy Perry define seu álbum novo como “pop com propósito”**. Portal Popline, 14 fev. 2017. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/katy-perry-define-seu-album-novo-como-pop-com-proposito/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

WEINGARTEN, Christopher R. **Review: Katy Perry navigates a less bombastic pop universe on ‘Witness’**. Rolling Stone, 3 jun. 2017. Disponível em: <https://www.rollingstone.com/music/music-album-reviews/review-katy-perry-navigates-a-less-bombastic-pop-universe-on-witness-201588/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução: Daniel Grassi. Porto Alegre: Bookman, 2001.